

LIBERDADE NA CIDADE: RELAÇÃO ENTRE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E RECURSOS URBANOS (A PRAÇA E A CAPOEIRA)

Lucélia Novaes Lima¹

Resumo:

No presente estudo, busco analisar as relações entre as manifestações culturais e a utilização do espaço público como instrumento de lazer e aprendizagem não formal. O recorte desse trabalho é o espaço das praças públicas, como recurso urbano e trazendo a capoeira e sua prática na rua como expressão de liberdade e ocupação criativa do aparelho público. A simbiose entre o patrimônio arquitetônico e o patrimônio imaterial, é o marcador principal dessa análise, as potencialidades da capoeira, sintetizada com todo seu leque de manifestações culturais, pode vir a ser um “coringa” para a pacificação das praças das cidades, além de servir de ferramenta de aprendizado social para a convivência heterogenia das pessoas, em especial a juventude. Valho-me do aporte dos estudos teóricos e da minha vivencia na capoeira como aluna integrante do **CETA CAPOEIRA ESCOLA²** em vitória da Conquista- Ba, para as observações pessoais a respeito do medo urbano, da privatização do lazer e as características populares e inclusivas da capoeira e a roda de rua. Nessa perspectivas, compreendo que esse trabalho, mais do que tratar sobre o espaço público vivenciado e compreendido como lugar de socialização e confiança, constitua possibilidades de ideal de liberdade na cidade.

Palavras-Chave: Praça. Capoeira. Juventude. Medo. Liberdade.

Palavras Iniciais

Neste trabalho, ponta pé para uma pesquisa mais abrangente, busco analisar as relações entre as manifestações culturais e a utilização do espaço público como instrumento de lazer. Conforme Dumazedier (1976), o lazer é um conjunto de ocupações ao qual o indivíduo se entrega de livre vontade, seja para repousar, divertir-se, recrear- se, ou para desenvolver

¹ Discente curso de Filosofia da Universidade Estadual da Bahia- (UESB) na cidade de Vitoria da Conquista –BA- Brasil. E-mail: lu.celia.j3@gmail.com

² A ASSOCIAÇÃO CULTURAL, EDUCACIONAL, DESPORTIVA E ARTÍSTICA DE CAPOEIRA – CETA, é uma instituição filantrópica, educacional, sem fins lucrativos, que trabalha com educação e fomento a cultura através da capoeira e seus elementos culturais. Fundada em 20 de novembro de 1999- Vitória da Conquista BA.



formação, o imaginário coletivo pressupõe as formas conhecidas de lazer como momento fora do cotidiano, planejado e com custo monetário, uma vez que esse deleite tende a ser privatizado, porém o espaço público pode oferecer esses momentos de forma gratuita e periódica.

Tendo como principal enfoque o recurso urbano das praças das cidades, apresentamos a capoeira e sua prática dinâmica fora das academias como expressão de liberdade e ocupação criativa do equipamento público. A capoeira é uma arte genuinamente brasileira, criada por escravos de origem africana, essa manifestação cultural foi popularizada, e logo esse misto de esporte-dança-luta, passou a ser praticado nas ruas, largos e praças, porém com a criminalização de sua prática a capoeira, se retirou desses cenários populares, como estratégia de sobrevivência, para se pôr em ambientes fechados e, se praticada na rua, sempre nas periferias.

O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 2008, reconheceu a capoeira como patrimônio imaterial, devido seu valor e legado cultural, esse reconhecimento foi fruto da resistência desse movimento cultural e social através dos tempos, desse modo a capoeira foi devolvida a rua, como era comum em seu surgimento. A capoeira tem como elemento vivo e cíclico de energias a roda. A roda é um movimento político e absolutamente inclusivo, desse modo o espaço das praças públicas unido a capoeira como expressão de liberdade, pressupõe ocupação criativa do equipamento público³, e acaba por constituir uma simbiose de energias e possibilidades que culminam em constituição de convivência com o diferente de forma pacífica.

Em referência ao método, destaco o relato pessoal e vivências sob a ótica de quem pratica a capoeira e a enxerga como instrumento de transformação das muitas realidades, sendo uma manifestação cultural para além do folclore. Diante de tais assertivas, entender o impacto real da utilização das praças de forma periódica para as rodas de capoeira pode ser alternativa para a ocupação como método de pacificação desse espaço urbano.

³ Consideram-se equipamentos públicos comunitários as instalações e espaços de infraestrutura urbana destinados aos serviços públicos de educação, saúde, cultura, assistência social, esportes, lazer, segurança pública, abastecimento, serviços funerários e congêneres.

As praças devem ser pensadas sob o olhar do pensamento de democratização do acesso, devem ser instrumentos de impacto simbólico para a comunidade, sendo seu uso livre e contínuo, pois são as atividades desenvolvidas neste espaço que dão sentido a ele, e é nesse aspecto que as praças têm importância específica para a comunidade onde está inserida, servindo de interessante objeto de estudo social, histórico e cultural. Seja para a micro sociedade ou para a macro, interdependentes entre si, a praça deveria ser um espaço de confiança e liberdade, reconhecidas como patrimônio arquitetônico, mas do que mero lugar de passagem e abrigo de violências eminentes, a praça pode ser lugar vital para a cidade, onde o medo dá lugar ao encontro e à coletividade.

Relação entre as cidades, praças e o medo

Desde o século XX, com as mudanças econômicas e os novos padrões de migração, mais pessoas se deslocaram para as cidades em busca de melhores oportunidades e condições de vida. Atualmente, mais da metade da população do mundo vive nas cidades.

O direito à cidade é genuinamente humano, visto que cidade é, segundo o Aurélio, é uma aglomeração humana localizada numa área geográfica circunscrita, a cidade é um direito coletivo e se opõe à simples mercantilização do território. Para Bauman⁴ a cidade deve ser lugar de encontros, nesse assentamento humano o encontro, mesmo não intencional, acontece, seja com o estranho, seja com aquele que se convive, logo a socialização não deve ser fundamentada no medo e no preconceito.

As cidades têm um enorme potencial educativo, pois nela a quantidade e tipos de relacionamentos diferentes que podem se desenvolver são inúmeros, esse aprendizado pela convivência ajuda a recuperar o sentido público, coletivo e educativo, que vem se perdendo ao longo do tempo pelo uso exclusivos dos locais privados.

Segundo Castelnou (2007), as praças mais antigas, no geral, foram construídas sob a influência na arte barroca que se consolidou em um movimento artístico cultural – o Barroco –

⁴ Zygmunt Bauman foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.



que ocorreu durante a segunda metade do século XVI (1550) até o século XVIII (1760). As praças são sinônimo de socialização, diretamente ligada ao bem estar da comunidade, a palavra praça vem do grego “*platea*”, para além de ser um espaço urbano livre de edificações e patrimônio arquitetônico das cidades, as praças revelam as tradições, costumes e cultura de uma localidade, essas características são notadas não só pela arquitetura mas pela utilidade do espaço e seu uso.

A relação entre as manifestações culturais e o recurso urbano praça, escolhido para este trabalho é notável, uma vez que na *Àgora*⁵ a praça era o local onde acontecia as grandes assembleias e votações, nos dias modernos, apesar de toda a má fama que vem sendo atribuída a esse espaço, como a desertificação que dá lugar a violência, se faz necessário ressignifica-lo.

A privatização do lazer, da arte e da cultura, motivados pelo medo da convivência em ambiente não controlado, se mostra como um dos marcadores, visível a olho nú, das intolerâncias e a incapacidade da sociedade moderna e, das novas gerações, em desenvolver uma convivência harmoniosa com o diferente. A insegurança presente em muitos espaços públicos, trazem consigo também o medo e a dificuldade em conviver com o diferente, fator preponderante na desintegração da vida comunitária, com isolamento seletivo, os grupos sociais se tornam mais homogêneos, deixando de desenvolver e valorizar o aprendizado necessário para conviver com o diverso.

A praças é um dos lugares mais vitais para uma cidade, deveria ser um local onde a socialização acontece. É no espaço público de formação e de convivência, que os conflitos acontecem o que não pode ser interpretado como algo negativo, pois a heterogeneidade da vida nas cidades exige tais vivências.

As calçadas, parques e praças não devem ser meros locais de passagem, devem ser utilizadas e ocupadas de forma criativa, não só para finalidade mercantil, mas como espaço de finalidade cultural, o potencial de aprendizagem dos espaços públicos se perde ao passo que

⁵ Praça principal das antigas cidades gregas, local em que se instalava o mercado e que muitas vezes servia para a realização das assembleias do povo; formando um recinto decorado com pórticos, estátuas etc., era tb. um centro religioso.

são abandonados, e ao se tornarem vazios dão espaço para o medo e possíveis violências, como espaço público e livre, é preciso que se pense em acessibilidade para além da mobilidade, pois mudar a visão sobre sua representatividade é tão importante quanto investigar o papel das praças na vida de uma sociedade.

A juventude por si só é uma categoria plural, não só pela diversidade biológica, mas por que culturalmente estão se desenvolvendo e para esse desenvolvimento as cidades são locais de oportunidade de convívio diverso, nessa perspectiva a ocupação criativa das praças devem incluir a todos, principalmente a juventude, uma vez que eles detém essa energia capaz de preencher espaços, multiplicar as práticas e modificar uma cultura.

O processo de privatização das cidades, que valoriza e cria cada vez mais os lugares privados, como como shoppings, academias, condomínios e outros locais fechados afim de aumentar a sensação de segurança tão necessária, o movimento de fuga causa o esvaziamento de tantas praças importantes nas cidades, afetando negativamente a fluidez natural do encontro.

A ocupação dos espaços públicos é uma estratégia importante para a prevenção da violência, uma vez que contribui para que as pessoas voltem a viver e conviver de forma a respeitar a diversidade, a acessibilidade das praças devem ser recuperadas, e um dos antídotos eficaz contra a insegurança instalada nesses locais é a utilização social, para que a população volte a encarar a rua de uma maneira saudável e pacífica.

No chamado inventario dos medos, a ameaça em torno da integridade física não se sobrepõe atualmente ao medo secundário, segundo descreve Bauman esse medo é inculcado socialmente gerando um repulsa em se misturar, por motivadores diversos, o medo do desconhecido, o medo do furto de um bem, o medo da rejeição, dentre outros vem incorporando práticas de fugas nas cidades, assim a sociedade troca o conceito de segurança pelo conceito de proteção, daí o fenômeno da privatização, são criadas cidades dentro da cidade, onde o que deveria ser usufruto coletivo e irrestrito passa a ser tratado como mausoléu⁶.

Praças e parques estão sendo reproduzidos em ambientes controlados, dentro de condomínios e shoppings, e os cidadãos se servem de uma privação voluntaria da liberdade

⁶ Monumento funerário, geralmente imponente ou de dimensões avantajadas, que abriga os despojos de um ou vários membros de uma mesma família, normalmente construída para uma figura importante.



genuína, em detrimento da proteção de muros e edificações onde, geralmente, é necessário pagar para se ter acesso. A problemática dessa prática é que essa estratégia se retroalimenta de preconceitos, o impulso moderno de instituir ilhas com indivíduos similares, separando por oceanos de desigualdade os demais, incumba outros tipos de violências, algumas delas tão letais quanto a que atenta contra a integridade física.

Cabe ao que já foi dito a reflexão: O espaço não está sendo ocupado porque é violento ou o espaço é violento porque não está ocupado? promover uma ocupação saudável, pacífica e democrática dos espaços públicos, só é possível por conta das pessoas, elas são os agentes capazes de resgatar, redescobrir e reinventar o espaço e a capoeira como bem imaterial pode ser ferramenta de utilização e ressignificação dos espaços se re-identificar, reconstruir as narrativas de forma coletiva, diluir os preconceitos e discriminações são alguns dos objetivos alcançados quando se trabalha a consciência política, o respeito e a tolerância em espaços assim, sendo a comunidade os principais atores sociais dessa modificação de mentalidade.

A Capoeira e a Praça

Minha primeira experiência com a capoeira, fui atraída por um som que começou a emanar na praça, no centro de Vitória da Conquista-Ba, me vi batendo palmas e vibrando com o espetáculo que ali acontecia. O toque do berimbau, as cantigas, as palmas, tudo me encantou. No primeiro momento, pensei em colocar meu filho para praticar, pois queria que ele participasse desse movimento, que me pareceu tão completo já que reunia a primeira vista música, dança, equilíbrio, coordenação e muito outros elementos que fui reconhecendo ao iniciar a prática. A capoeira me conquistou de pronto, não consegui ser só plateia, a ancestralidade que estava adormecida em mim, foi despertada, como diz em seu trabalho: Capoeira não pede Bênção a coronel-, o estudioso e praticante da capoeira da cidade de Vitória da Conquista Jonathan dos Santos e Silva, logo eu quis jogar na *Roda da cidade*.

Com a descriminalização em 1937, a capoeira passa a utilizar dos equipamentos públicos, como as praças para sua prática. Como destaca o professor doutor Hellio Campos- o Mestre Xaréu -a capoeira saiu dos guetos, do terreno baldio, do quintal e conquistou a rua, a **praça**, dessa forma podemos afirmar que a capoeira se apresenta como uma síntese de

manifestações culturais que envolve numa só prática a dança, luta, rito social, canto, poesia, musicalidade, teatralidade e se propõe instrumento de aprendizagem, podendo ser praticada em qualquer lugar e corroborando com Silva (2018) que afirma que a capoeira tem a roda como elemento que se transforma em espaço da vida cotidiana e prepara o corpo para a vivência na sociedade.

Em 1932 Manoel dos Reis Machado, nosso saudoso Mestre Bimba, pai da capoeira regional, fundou a primeira academia em Salvador a Escola de Cultura Regional, não levava a palavra capoeira em seu título por motivos óbvios pois somente quatro anos depois de sua fundação a capoeira foi retirada do código penal brasileiro. Daí então a capoeira passou pelo processo de privatização, passou a ser praticada em recinto fechado, com a sistematização, ela passou a ser praticada em academias.

Uma das características potentes das manifestações culturais é exatamente a capacidade de sobrevivência e adaptação, a capoeira passou a ser executada dentro dos ambientes fechado, porém seu legado ancestral de oralidade, popularidade, inclusão e capacidade de transformação da realidade resistiu ao processo urbano e capitalista ao qual as cidades foram submetidas, foi um recolhimento necessário para a longevidade da capoeira.

A Capoeira, é considerada uma luta e uma manifestação cultural afro-brasileira, graças aos mestres de capoeira e seus discípulos, a capoeira se manteve viva através de toda a história do Brasil, mesmo no período em que foi proibida, seus praticantes a mantiveram presente em ruas, terreiros, quintais, largos e praças.

Segundo publicação do site Portal da Capoeira “roda de rua” é um evento livre, que ocorrem em ambientes públicos aonde “capoeiras errantes” vão se achegando, sem que ninguém saiba quem vem, ou para que veio e o que acontecerá durante a roda, acrescento a isso a observação pessoal que os não-capoeiristas são público participante e por diversas vezes se apresentam em número maior do que os praticantes de capoeira. Nas rodas de rua não são obrigatórios o uso de uniformes, sendo que o único protocolo a ser seguido é a ética da roda e o fundamento da mandinga⁷ ou seja a própria malícia proposta pelo jogo. Quando falamos dessa liberdade na roda de capoeira, não estamos falando de bagunça, ao contrário, existe

⁷ Ato de fingir, dissuadir e usar de "espertice" para vencer.



organização, troca de energia e o respeito a todos os elementos do ritual que se monta para que a roda aconteça.

Roda de rua

O passado teve muito história
Eu não estava lá pra ver
Mais um negro mandigueiro
Contou pra mim e eu conto pra você
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo da roda de rua de capoeira lá em BH
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo de Mestre Mão Branca lá na roda de rua lá em BH
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Ai um negro nascido em Minas que foi lá por Rio
E aprendeu a jogar a capoeira ligeira
De Mestre Gigante, Negrinho de Sinha
Voltou para sua terra, a roda de voa o encantou
Todo Domingo na feira, na praça 7, capoeira jogou
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo da roda de rua o mestre Dunga estava por lá
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo de roda de rua seu Jacaré já jogou por lá
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
O Dunga, Mão Branca, Reinaldo, Negão
Cobra Mansa ao som do Berimbau
Ritmo cadenciado, malícia e maldade
Angola e Regional. Dunga voava uma Tesoura
Mão Branca fazia um Chutado no ar
Cobra Mansa no Au sem mão
E vários Xangôs no mesmo lugar
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo da roda de rua de capoeira lá em BH
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo da roda de rua o seu Aranha já jogou por lá
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba

Chocolate fazia uma benção
Envergava seu corpo com muito expressão
O boca era muito técnico
O mais mandingueiro era o Negão
Donizete estava na roda
Cantando e tocando o seu berimbau
Meia lua a pernada ligeira
O seu Reinaldo era fenomenal
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo da roda de rua de capoeira la em BH
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo da roda de rua seu Coração ja jogou por la
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Todo domingo de roda
se tinha problema ia la resolver
Deixe os dois no quebra gereba
Na volta do mundo eles vão se entender
Mais depois do Samba de roda era so alegria
La pro Chinês comer
Capoeira, papo-vem, papo-vai
Tempo de bamba que não volta mais
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo da roda de rua de capoeira la em Bh
Era tempo de bamba e
Era tempo de bamba
Era tempo da roda de rua seu Paulo Brasa também estava la.

Música: Era tempo de Bamba (Autor: Mestre Mão Branca⁸)

A cantiga do mestre Mão Branca, reflete sobre a roda de rua, em vários trechos ele revela a saudade das rodas habituais que presenciava, o encanto dos encontros e reencontros por ocasião das mesmas, mas também marca os conflitos que surgiam ali, a capoeira não está isenta de conflitos, seus praticantes são plurais, são indivíduos coletivos porém não uniformes, fora

⁸ Presidente e fundador do Grupo Capoeira Gerais-William Douglas Guimarães mais conhecido como Mestre Mão Branca.

que a roda dialoga com a rua, com os transeuntes, com o comércio, com as pessoas de forma indistinta, pois uma vez que todos fazem parte da roda e do rito social a micro engrenagem da roda assina movimento, renovação e visibilidade que converge com as situações da vida em sociedade.

A roda de capoeira é também área de combate: (...) *“se tinha problema ia la resolver/Deixe os dois no quebra gereba/Na volta do mundo eles vão se entender”* unindo esse trecho da música ao que observo na roda de capoeira, é que o rito reconhece que sem conflitos não existe troca, inteiração e oportunidade de aprendizagem, daí o círculo de rituais agrega percepções diversas e ajuda na construção de uma cultura de consciência coletiva de tolerância.

A inclusão social proporcionada pela capoeira em espaço democratizado como as praças contribui para a convivência e aprendizagem nas cidades, enquanto fenômeno sociocultural educacional não formal, a capoeira praticada em espaços públicos ajuda na recuperação das praças pela comunidade, auxiliando a devolver a liberdade na cidade.

A convivência nas rodas de capoeira, nos permite afirmar que a diferença básica da roda de academia para a roda de rua está no "clima" proporcionado, na "energia", e nos elementos presentes que despertam a ancestralidade e as memórias que perpassam por ela. Na roda de rua, o simbólico se torna vivo, os diálogos são livres e a liberdade é uns dos fenômenos presentes, assim o diálogo se promove de forma holística.

Nos trabalhos de Karasch (2000), Soares (1994,2002) e Vieira (1995, 1998; 2004), podemos perceber que a capoeira, durante todo o século XIX, dominou a cena urbana das grandes cidades brasileiras, em especial Rio de Janeiro, sendo praticada em locais abertos como portos e feiras, logo tomou as praças como espetáculo Folclórico, a roda de rua é, portanto, um fenômeno social, marcado por aspectos de forte conotação de educação não-formal (CENDALES e MARINO, 2006), de manifestação pública própria de nossa cultura, transformada em tradição no Brasil, como podemos constatar nas famosas rodas do Mercado Modelo na Bahia, roda do Ibirapuera em São Paulo, roda da Penha no Rio de Janeiro, roda da Torre em Brasília e na tradicional roda da praça da Republica em São Paulo.

Como afirma o já citado Mestre Xaréu em seu livro Capoeira nas escolas (pg. 25) quanto a implantação da aula de capoeira: (...) O espaço físico não é problema, pois poderá ser ministrada em áreas livres, terrenos baldios, campo de futebol, salas de aulas, quadra de



esportes, etc. Logo além das rodas de rua, as aulas podem também ser desenvolvidas nas praças. O movimento social e cultural permanente mantido pelas várias entidades da sociedade civil organizada em Vitória da Conquista- BA, conta com os grupos de capoeira na prática dessa ocupação pacífica e coletiva das praças da cidade, as rodas da Praça 9 de novembro, as rodas de rua do 7 de Setembro, e outras, é um exemplo de ocupação criativa através da capoeira, permitido o diálogo político e inclusivo de forma livre e solidária entre a roda como círculo social e a cidade.

As demonstrações folclóricas em feriados específicos, ainda são momentos em que a capoeira toma as ruas, as rodas nos movimentos populares como carnaval e outras



comemorações passou a ser vistas como espetáculo, mas o objetivo primeiro da prática da capoeira é vivência e convivência para além daquele momento de demonstração, pois a roda é também uma vitrine, um atrativo para captar participantes e praticantes. A capoeira é responsável por difundir a língua portuguesa mundo afora, ostentando números expressivos e indiscutíveis de jovens resgatados de situações de vulnerabilidade social por meio de sua prática, esse controle social contracenava simbolicamente com a roda, que remonta papéis importantes do princípio da organização social que pode pacificar os espaços.

Roda de 7 de Setembro, FEIRINHA DO B. BRASIL- Vitória da Conquista- BA. Fonte-acervo CETA capoeira.



O respeito é um dos pilares da pacificação dos espaços, o choque de interesses e gostos só são vivenciados quando existe possibilidades de reunião e convivência. A capoeira pela seu DNA afro brasileiro, traz em si misturas, diferenças e diluição de preconceitos, portanto a roda é um movimento democrático. Praticada nas ruas, praças e parques a capoeira é ferramenta de internalização dos conceitos de tolerância e respeito.

Vitoria da Conquista é um exemplo de fenômeno de privatização do lazer, esporte e convivência, as comunidades não se integram por meio das praças, e parques, procuram os espaços como shoppings e outros para socializar de forma homogênea, acaba por ser uma cidade intolerante com os diferentes e que cresce com o sentimento de inutilidade dos espaços públicos como lugar de símbolo para o desenvolvimento autônomo e político social.

Roda de rua Praça Nove de Novembro- Vitoria da Conquista – BA. Fonte: Acervo CETA capoeira

Para se entender um pouco dessa matiz que a capoeira desenvolve, deve-se se em primeira instancia desconstruir o pensamento logico ocidentalizado sobre uso de espaço, uso do corpo e convivência, a roda de capoeira tem em sua gênese o caráter público, colaborativo e excepcionalmente popular e empoderador. Exemplo de resistência, a capoeira incute no cenário do vazio das praças alegria, combate, discussão, musicalidade e interação

O trabalho de alguns Mestres da cidade de Vitória da Conquista, como o Mestre Dendê, fundador do movimento social e cultural CETA CAPOEIRA, é exatamente esse de impactar a cidade de forma positiva, não só cumprindo o papel de resgate dos jovens em situação de vulnerabilidade social, mas significando os espaços onde eles vivem.



Roda

Praça da Bandeira. Vitória da Conquista – BA. Fonte: Acervo CETA capoeira.

A rua é fluída, lugar onde as energias circulam livremente, assim as praças como espaços quase sempre circulares emanam essa energia que favorece a prática ancestral da roda de capoeira, a ritualista presente, além das forças do movimento, da palavra e a diversidade presente proporcionam um ambiente eclético de convivência, não violência e de inteiração. A capoeira prega a solidariedade e a troca de experiências entre pessoas cria laços de confiança e dão luz a regras mútuas de cuidado.

A relação coletiva entre as manifestações culturais e as praças são inúmeras, o recorte que aqui foi feito é uma tentativa de evidenciar alguns elementos do caráter transformador das rodas de rua para as praças da cidades, e para as cidades. A roda é um espaço coletivo, patrimônio da humanidade que resgata conceitos há muito perdidos: irmandade e solidariedade.

Considerações finais

Por causa do medo, é comum que se abandone o usufruto do tempo livre nas ruas e praças das cidades com atividades de lazer, cultura e esportes. O medo tem gerado o abandono dos espaços públicos, esvaziando as expectativas de coletividade, a oportunidade de autoconhecimento e reconhecimento de indivíduos não similares. Os espaços privados e o desejo de isolamento conquistaram a sociedade pela sensação de segurança proporcionada, porém é nos espaços comuns como as praças das cidades que a comunidade reconstrói normas sociais e experimentam valores importantes, como a cooperação, autonomia e segurança.

Os recursos urbanos são patrimônio arquitetônico das cidades, mas por si só não estabelecem relação de liberdade, nessa perspectiva de que a ocupação criativa dos espaços é capaz de transforma-lo, a capoeira apresenta-se como prática popular e historicamente publica que resiste até os dias de hoje como manifestação cultural executada na rua. As praças sempre foram palco para as rodas de capoeira, e essa arte pretende continuar ocupando espaços, atraindo e acolhendo pessoas, sem acepção e pacificando os territórios públicos das cidades, para que a liberdade ocorra de fato.

Conclui-se que a ocupação das praças é também um ato político e pacificador do território e, nessa perspectiva apresentamos a capoeira, como utensilio efetivo na construção de valores e ética nas cidades, o que está ligada intrinsecamente a liberdade – não só do ir e vir-mas a liberdade de permanecer e utilizar.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. CONFIANÇA E MEDO NAS CIDADES. 1. ed. atual. Turim, Itália: Zahar, 2012. 49 p. v. 1. ISBN 978-85-378-0943-3.

JACOBS, Jane. MORTE E VIDA DE GRANDES CIDADES. 3. ed. atual. São Paulo, SP: Martins Fontes Editora Ltda, 2000. 49 p. v. 1. ISBN 978-85-7827-421-4.

RODA DE RUA: NOTAS ETNOGRÁFICAS A RESPEITO DO JOGO DA CAPOEIRA ENQUANTO FENÔMENO SOCIOCULTURAL URBANO. Robson Carlos da Silva. Fortaleza· v. 1, nO59, ano 32 – 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Roda de Rua ou Roda na Rua?. Luciano Milani. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/publicacoes-e-artigos/roda-de-rua-ou-roda-na-rua/>. Mai, 2005. Acesso 02 de Julho de 2021

CAMPOS, Hellio. Capoeira nas escolas. - Mestre Xaréu. 1ª Ed. Salvador-Ba. Edufba. 2001

CAMPOS, Hellio. Capoeira Regional: A escola de Mestre Bimba. Mestre Xaréu. 1ª Ed. Salvador-Ba. Edufba 2009.

SILVA, Jonatan dos Santos. Capoeira não pede bênção a coronel: os mestres e a memória da disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista - BA (1950-2000). / Jonatan dos Santos Silva – Vitória da Conquista, 2018. 248 f. Orientador: Felipe Eduardo Ferreira Marta. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

SOARES, C. Valongo Cais dos Escravos: Memória da Diáspora e modernização portuária na cidade do Rio de Janeiro(1668-1911). Carlos Eugenio Líbano Soares. Relatório de pós doutorado. UFRJ. RJ 2013.